

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. 62000017

8ª ASSEMBLÉIA DE CHEFES INDÍGENAS



RUÍNAS DE SÃO MIGUEL - RS
16 A 18 DE ABRIL DE 1977

LEIA NESTE NÚMERO:

- Depoimentos da 8ª Assembléia de chefes e representantes indígenas - Ijuí - RS, 16 a 18 de abril de 1977

- Mensagem do Dia do Índio - p. 31 a 34 - Ruínas de São Miguel - RS

- Carta enviada ao Presidente da Funai e posteriormente ao Presidente da República e ao Ministro da Justiça p. 35 a 39

- anexos: carta enviada ao Presidente da Funai, comunicando a realização da reunião no Sul
carta-convite aos chefes indígenas

8ª ASSEMBLÉIA DE CHEFES INDÍGENAS

Ijuí, Rio Grande do Sul
16 a 18 de abril de 1977

INTRODUÇÃO

Txibae Ewororo (Bororo) e Omizokay (Pareci) desde há muito tempo pensavam em organizar uma reunião a fim de conhecer a partir de seus irmãos do Sul, a problemática indígena da região e ter uma aproximação maior entre os Povos do centro-oeste e do sul do Brasil.

A 8ª Assembléia teve a participação de 26 chefes e representantes de 8 tribos diferentes: Bororo, Pareci, Xavante, Apiakã, Terena e Kayabi do Mato Grosso, Kaingang e Guarany da região sul (Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Esta foi a primeira reunião de caráter nacional declarada pelos Índios e dela participou também uma mulher (Xod Fed - Kaingang) que apresentou seu depoimento e deu apoio nas posições tomadas.

A dinâmica da Assembléia consistiu em 4 partes:

- 1) auto-apresentação dos participantes e depoimentos sobre suas situações atuais;
- 2) discussão e aprofundamento dos problemas apresentados;
- 3) busca de soluções a partir deles mesmos e através de um estudo comum do Estatuto do Índio;
- 4) elaboração de documentos para a Imprensa e a Presidência da Funai.

Todas as sessões foram feitas em plenário, sem a intervenção ou participação de nenhum branco. O Índios tiveram plena liberdade de expressão e pensamento durante todo o encontro. Além de sessões de plenário, houve muitas conversas informais. A presença de não-Índios foi tolerada no encontro apenas como ouvintes e secretários do plenário. Os depoimentos foram transcritos com

toda fidelidade e no modo próprio de se expressarem, e mostram a auto-determinação dos Índios e a consciência que eles têm de seus direitos e das injustiças de que são vítimas. As palavras entre parênteses foram colocadas no texto para melhor compreensão do mesmo. Não foram, portanto, pronunciadas, mas apenas subentendidas pelos participantes.

A Assembléia havia sido planejada originalmente para ter a duração de 3 dias, mas devido à homogeneidade e unanimidade das posições tomadas, terminou no dia 18 à tarde, após a visita às Ruínas de São Miguel, lugar histórico da destruição dos Guarany (Missão dos Sete Povos), onde foi lida a MENSAGEM DO DIA DO INDIO à Imprensa.

19 DIA - 17/04/77

Tribae Ewororo - Bororo

Essa é uma reunião totalmente nossa, organizada por nós mesmos. Procuramos fazer esta reunião por ocasião do Dia do Índio, porque a gente vê que, em todo lugar os Índios estão sofrendo. Cada um vai expor seus problemas e, ao mesmo tempo, dar uma proposta pra ver uma solução de como sair desta miséria! Vamos ficar bem organizado, bem unido pra trabalhar tudo junto.

Na nossa aldeia bororo, não é os missionários nem a Funai que mandam, é nós que mandamos.

Omizokay - Pareci

Como ele disse, cada um de nós tem uma história muito grande de sofrimento pra contar. Talvez a gente pudesse encontrar viabilidade de solução. O problema dos Índios do sul é diferente dos Índios do norte. Os Índios do norte estão lutando para garantir a Terra, enquanto que os Índios do sul têm a terra garantida, mas não são eles que estão usando ela, são outros que estão tendo o usufruto.

Esta Assembléia tem caráter de Assembléia Nacional.

Kagrê - Kaingang

Aqui em Nonoai o primeiro problema que teve foi político. A maioria das necessidades do Índio vem da política. Ali através disso veio o SPI. Depois do SPI que em 10 anos acabaram toda a madeira, veio a Funai. Eles arrendando a terra e nós Índios sempre na mesma miséria. Então eles pedem pros Índios esperar as promessas, então daí que os Índios ficou assim atrasado. Então um problema que nós sentimos é de começar a trabalhar, e pra começar a trabalhar a terra, tem intruso. É pra nós trabalhar e garantir o resto das terras que já foram tomadas. Eles já ganharam terras nas primeiras reformas agrárias e venderam e estão lá de novo. Querem ver a destruição da geração do Índio. Lá em Nonoai não existe mais pinheiros, não existe mais madeiras de lei, e o Índio nunca tem o apoio que ele merece. Então o plano agora lá é não deixar tirar esse chefe de Posto que está lá. Certas coisas a Funai está inocente, mas se eles se interessassem o Índio não tava sempre na mesma. Os pró-



prios responsáveis do trabalho indígena são povos que tem assim pensamento por si mesmo. Eles não podem ser proibidos de encontros e reunião. Eles não eram assim amassacrados.

Yeicãg - Kaingang

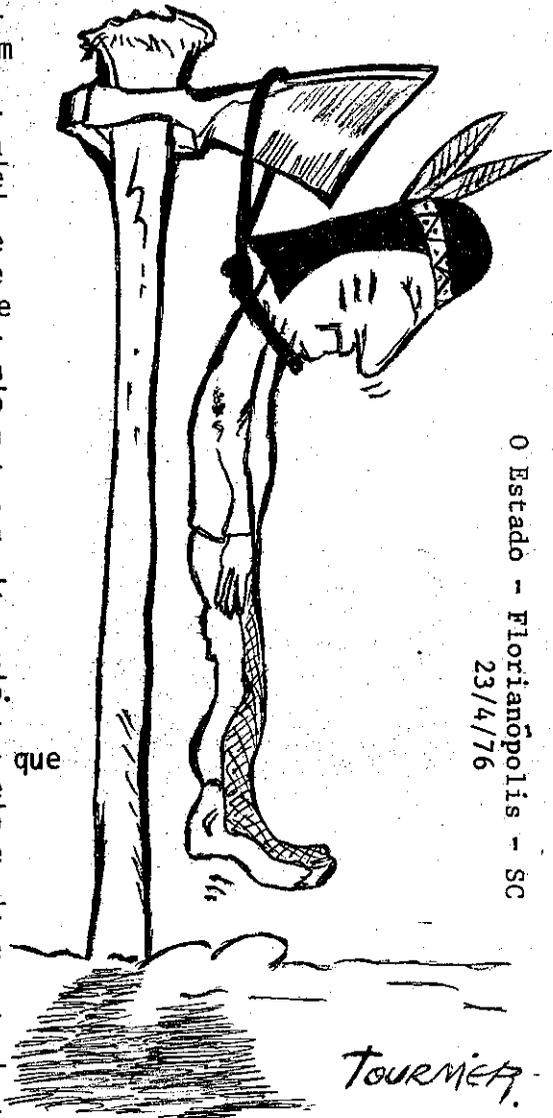
Então eu vou contar também porque que a gente vem andar por aqui. Eu ando por aqui a fim de encontrar se eu tenho direito ou não. Lá estou vendo que nós não temos direito a coisa alguma, vivemos oprimidos sem direitos. Os intrusos acham que têm mais direito de fazer roça do que eu que sou Índio. Os intrusos são cheios de dinheiro dentro de minha terra. Nós somos pobres não temos direito. Cada um de nós temos direito à lei, temos direito a falar. Os Índios lá são pobres, pobrezinhos mesmo, sem meios, sem recursos, a gente pede e a Funai não dá nada. Como podemos fazer se não temos recursos. Sou trabalhador da serraria do DGPI. Eu tou vendo tudo que está acontecendo. A madeira que está saindo de cima de nossa terra, está sendo vendida. Dizem que o dinheiro volta pro posto à benefício do Índio e nem remédio não temos. Então pra onde vai esse dinheiro? Tão me desmoralizando completamente. Não tenho valor na minha terra. Tenho pena dos Índios que estão ao redor, sem casa, sofrendo sem remédios, ranchinhos de capim. Estão arrancando madeira de cima de nossas terras. Nós, por exemplo, que vivemos nessas terras, quando precisa fazer roça devia fazer onde quiser, porque nós temos direito, nós somos dono. A terra é nossa e não podemos fazer as roças onde queremos. Por que isso? O Índio quando precisa de uma madeira ele podia tirar, mas agora não pode, por quê? Se tiram madeira de nossa terra, os nossos filhos o que vão ter?

Kofã Fagnhotê - Kaingang

Antes do SPI entrar - foi em 1941 que ele entrou - então nós cuidava nossa terra, nossa riqueza, nós Índios não deixava ninguém botar a mão. Medição, corte de madeira, nós cansamos de embargar. A gente não aceitava, então nós tinha mais força. Depois que entrou o SPI foi um fracasso - começou a fazer propaganda pro Índio e ali começou. E nós acreditamos, sabe como é. Então entraram já cortando a madeira. Depois veio a Funai sempre sempre com aquelas promessas pro Índio, tiravam proveito hoje da minha área. Então com isso nós estamos enfraquecendo. Nós vamos piorando, piorando e bem pro fim os branco quer tomar conta de nossa terra. O que vamos fazer?

Meiê - Kaingang
preocupação

A nossa é que nossa área tão completamente intrusada pelos brancos. O Índio é sacrificado. O aperto que está com todos terminou as riquezas, e o Índio está sendo cada vez mais acercado. Nossa área está completamente desvalorizada. Os branco entram como dono da terra. Mato que existia de 10 a 12 anos atrás, hoje está vira do em lavoura. Além que eles aproveitam a terra, ainda eles tem capacidade de roubar as madeiras de lei. E existe intrusos que já ganhou terras e venderam o que ganharam para entrar na área. Estes não precisam de terra, querem só vender. Uns destes ganharam terra em Cascavel, município de Sarandi. Área de Alto Recreio foi perdida para os branco, os Índios passaram para Nonoai e os que tomaram deles, estão intrusando lá de novo. Ainda quando o Índio espanta ou mata, eles acham que Índio é ruim, sendo que eles é que são ruim. Então é isso, a gente sempre se queixa pras nossas autoridades, que são os assumidor das nossas áreas, e nunca foi resolvido nada. Não é de agora, já há anos. E nunca tivemos o direito de achar a pessoa que se interesse por nossa terra, pelo nosso sofrimento. Hoje, de uns tempos pra cá, nós estamos achando que vai chegando o fim do Índio. Está sujeito eles terminar com o Índio no Brasil, se continuar assim como está. Então nós pedimos a Deus pra vir alguém do nosso lado.



O Estado - Florianópolis - SC
23/4/76

Peny - Kaingang

O nosso sentimento que eu vivo preocupado é nossa situação dentro da área. Eu sou responsável pelos meus Índios que eu sou cacique. Então, já há tempo que a Funai vem prometendo ajuda pro Índio. Derrubando madeira, fazendo granja pro benefício do Índio, e onde é que tá esse benefício? Eu acho interessante é que estão roubando no nome do Índio pro bem da Funai. A Funai não tá fazendo interesse pro Índio. Promete melhorar as casas dos Índios. A nossa área não tem mais madeira de lei. Então é isso minha briga com a Funai. Já era tempo de tirar esses intrusos que o Índio não tem mais onde fazer lavora. Cada casa tem 3, 4 casal de Índios, de não ter lugar mais. Então porque a Funai escreveu o Estatuto do Índio? Pra ficar no arquivo, de certo! Se quisesse funcionar, que provasse. É isso, que vida será a de nossos filhos mais tarde? Espantado pelos intruso. A prova está nesse moço aqui; foi espantado lá de Nonoai pelo intruso. O chefe de Posto que quer fazer pelo Índio não presta, então a Funai procura um jeito de tirar fora. O chefe de Posto que espanca o Índio, esse presta pra Funai. Então a Funai podia consultar o Índio primeiro pra sentir o seu problema.

Xangü - Kaingang

Ao invés de envolver o Índio, essa gente diz que trabalha pro bem do Índio. Acharam melhor fazer aquela linha de casas perto da estrada, a gente não pode criar nada. São pra mostrar que o Índio tá bem, e a gente vê os nossos patrícios sofrendo, passando necessidade. A Funai não presta. A Funai é enganadora. Nós temos que se interessar entre nós pra resolver o problema do Índio. Se nós fosse esperar esta gente, nós morre de fome. Se eles quisesse ajudar nós, há 10 anos nós tava melhor. Eu fui lá em Brasília e depois o Nelson de Erechim (Ajudância da Funai, RS) disse que eu tava mentindo. Eles querem nos criar assim. Depois os grandes tão dizendo que os Índios não faz nada. Entregaram 50 colônias no Votouro (para os colonos brancos) e tão falando de mais. O cacique, por um azar, ainda dá a mão no problema. Depois falam em cachaça. Que o Índio gosta de cachaça, porque não quer trabalhar, ter compromisso... Nós sabemos trabalhar. Há duzentos anos a gente sabe plantar, sabe colher. Quando é pra pedir madeira, eles não dá. Eles (Funai) estão ganhando uma nota sem tamanho. Então a reforma agrária diz "nós vamos pegar aquela terra porque não tá sendo ocupada". Então a Fu-

nai tã sujeito entregar aquela terra. Eles botaram esco-
 la, nê. Tã certo, mas primeira coisa é agricultura. Comida
 tem que entrar pra criança se fortificar, ficar mais esper-
 ta, mais involvida pra estudar. Estamos fraco porque tira-
 ram tudo, tã tudo desmatado. Agora o Indio não pode desma-
 tar, não tem ordem. Então o Indio que que ele faz? Indio
 fica desanimado e vai trabalhar lá fora na colônia. Às ve-
 zes se desanima e arrenda a terra, sendo que a terra é de-
 le. O que é que a Funai tã fazendo? Tã fazendo coisíssima
 nenhuma! E as água? Fizeram as casas longe da água, uns
 150 metros, isso desanima. Buscar água tão longe. Hoje nós
 vamos se criar mais analfabetos, como eu me criei. Nós te-
 mos que ensinar. Se a Funai se interessasse os Indios não
 tava assim. Estava bem. Bem tã os colono que entra na ter-
 ra. Quando nós saímos pra Brasília, diz que nós é que não
 temos trabalho. Eles sô dão portaria pra trabalhar fora da
 área. Quando é mês de julho, que a terra é boa, já é pra
 desmatar, pra plantar. Mas eles vão trabalhar lá fora e
 quando voltam já é Natal. Ficam sô com a roupinha deles. O
 encarregado da Funai sô vem pra enganar, todo mundo tã so-
 frendo. Eles não sabem nada, sô querem ganhar dinheiro e o
 Indio que se vire. Quando o Indio vai a Brasília, ele (che-
 fe de Posto) diz pro Delegado: "Prende esse aí, que não sa-
 be nada". Quem não sabe nada são eles! Eles querem enrolar
 o Indio. Diz que o Indio é um louco. Louco são eles! De-
 viam mandar tudo eles pro hospício. Quem sabe até erdireita
 va lá. O governo não tã sabendo nada disso aí. O presiden-
 te da Funai não diz nada, diz que o Indio tã desenvolvido
 já. Ele planta, é mesmo que não plantar. O Indio não plan-
 tou nada, por isso estamos perdendo a nossa terra. Eles pre-
 ferem dar pro branco. E os que tão estudando lá em Guaritã,
 querem ser o tal. Não vai bater um papo sobre a situação,
 não se une pra resolver os problemas nossos. Eles lá nem se
 importam. Eles não é pelo Indio. Eles é pelo dinheiro, pe-
 lo branco, pela Funai. Os indianos (mestiços, filhos de co-
 lonos brancos dentro da área) são bandidos que vem se criã
 do lá, depois ele quer ser o tal, quer bater no Indio. Eu
 não quero ver isso. Criam casos e o chefe do Posto não tã
 involvido coisíssima nenhuma nesses casos. Quando o Indio
 quer fazer uma casinha ele vai: "Olha, seu chefe, eu quero
 fazer uma casinha." Não tem ordem. Desse jeito o Indio vi-
 ve na escravidão. Eu não sou nada, autoridade nenhuma, mas
 eu tenho que fazer alguma coisa porque tou vendo os Indios

tã, tudo sofrendo, o chefe (do Posto) maltratando os Indios. O chefe sã quer dinheiro, quer enganar e atrapalhar tudo a qui. Porque a Funai não ajuda! Não ajuda! As casas tinham água e depois tiraram as mangas pra dizer que o Indio não sabe cuidar de nada. Tou achando que não tã certo. O que a dianta o Indio ter casa e não ter nada dentro. Então nã vamos fazer nossa roça no meio do mato, ter nossas plantaçã. Dez anos a gente jã conhece como tão fazendo. Temos que se unir e resolver os problemas. A gente tã cansado com essa gente. Como é que a gente pode se envolver? Quando eu ia em Curitiba ver o Dr. Brasileiro, ele não perguntava como eu ia, se tudo tava bem lã, sã dizia. "Esse Indio tã fora da área!" Eles tão na sombra do Indio e acham que o Indio não vale nada. Trouxeram uma enxada muito grande, nã nã tamos acostumados. Que projeto é esse aã? É sã pra enganar o Indio. Tamos enrolado pela Funai completamente. Funai tã sã atrapalhando. O chefe do Posto não quer envolver o Indio, não bota o intruso fora, dã valor pro branco e nã são pelo Indio. Eu tenho 33 anos, passando necessidade. Eles que são vagabundo, que são gente grande, diplomado e vem são pra esculhambar o Indio. Não temos boa vontade e tamos cansado do sistema jã de hã 150 anos. Tã entrando mais gente no Vououro e o chefe do posto tã consentindo, como em Irani 4 famílias de colonos jã invadiram. Então não tã no interesse do Indio. Quem intrusar pra depois dizer que tamos civilizado. Que disciplina é essa? Pra mim



esta gente são pelo dinheiro, não são pelo trabalho. Eles, bem dizer, tão matando nossas famílias. Isso não é cuidar do Índio. Depois diz que o Índio é mentiroso. Os filhos se criam analfabetos. Eles não tem interesse em nada. Como vamos estudar se não tem comida? Eles tão pelo dinheiro que é o valor deles, invês de dar valor ao Índio. Já conhecemos o civilizado, já sabemos vender, comerciar. Queremos ter meios de desenvolver nossa tribo entre nós mesmos. Por que se for esperar pela Funai não chega. Esperar deitado porque em pé custa. Esses brancos tem que sair. Eu não quero perder meu valor pra esses brancos. Pra falar a favor do Índio ele (chefe do Posto) não é capaz, mas pra favor do branco ele faz. Nós queremos o trabalho, temos sofrendo e não é de agora.

Hod Fei - Kaingang

Depois que entrou os chefes de Posto, os Índios foram saindo da terra, até que tomaram parte das terras, foram rodeando. Não tem mais respeito pros nossos filhos, não tem mais respeito com as professoras. Eu que só fui 4 anos de aula tou enxergando o que acontece, mas a professora diplomada, que é Índia não vê isso. Lá, a enfermeira chuta as Índias. Isso é outro desrespeito. Eu tou com 25 anos, em 10 anos não tou vendo nada. Tou vendo só o sofrimento da minha gente. O chefe (do Posto) é o mais pior; que dá mais apoio pro branco. Ela (a professora Índia) tinha que enxergar. Quando eu era criança os Índios tinham mais conforto, tinha médico. Hoje tão doente os velhos, as crianças, tem que ter dinheiro. Faz três meses que eu me juntei com o Xangü, ficamos 15 dias fora da aldeia. Antes eu era mulher de um branco de lá, e quando nós chegamos pnharam nós na cadeia. E judiaram de nós que nem nós fosse bandidos, pela ordem do chefe de posto, o Lincoln da Silva. Só porque eu abandonei o homem branco que metia o laço em mim. Até que um dia eu resolvi deixá-lo. De tanto sofrer a gente resolve. Eu vinha com a intenção de cuidar das minhas 4 crianças, e o Xangu também vinha com a intenção de ser pai das crianças. Eu tinha meu nenê na cadeia, junto comigo; ele tem um ano e seis meses. E foram lá e tiraram ele à força pela ordem do chefe de Posto. Ninguém veio me acudir. O cacique da aldeia, o Batista Paulo é mandado do chefe. O meu nenê foi chorando. Na cadeia nós tava no meio das merdas, do sangue e das bicheiras. Quando foi no domingo,



Estamos num aperto, plantemos num can-
teiro lã e não dã pra se manter (p.12)

Tã entrando mais gente no Votouro e o
chefe do posto tã consentindo...querem
intrusar pra depois dizer que tamos ci-
vilizado. (p. 8)

Eles sã dão portaria para trabalhar fo-
ra da área... Eles vão trabalhar lã fo-
ra e quando voltam já é Natal. Ficam
sã com a roupinha do deles. (p.7)

A nossa área não tem mais madeira de
lei (p. 6)

Nõs vamos piorando, piorando e bem pro
fim os brancos quer tomar conta de nos-
sa terra. (p. 4)

Hoje, de uns tempos pra cá, nõs esta-
mos achando que vai chegando o fim do
Índio. Estã sujeito eles terminar com
o Índio no Brasil, se continuar assim
como estã. (p. 5)

O que adianta o Índio ter casa e não
ter nada dentro. (p. 8)

Cada casa tem 3, 4 casal de Índios, de
não ter lugar mais. (p. 6)

Quando é pra pedir madeira eles não dã.

Que vida será a de nossos filhos mais
tarde? (p. 5) Se tiram a madeira de
nossa terra, os nossos filhos o que
vão ter? (p. 4)

Lã estou vendo que nõs não temos direi-
to a coisa alguma, vivemos oprimidos
sem direitos. (p. 4)

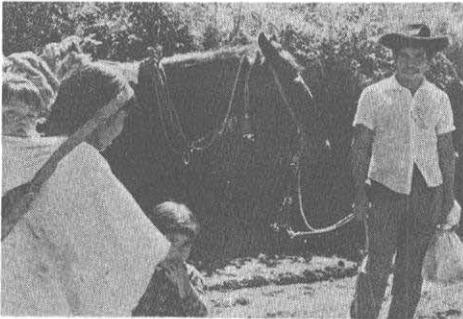
Dez anos a gente já conhece como estão
fazendo. Temos que se unir e resolver
os problemas. (p. 8)

Queremos ter meios de desenvolver nos-
sa tribo entre nõs mesmos... De tanto
sofrer a gente resolve. (p. 9)

Vocês vejam que a opressão é tão gran-
de que nõs perdemos até a nossa cora-
gem. (p. 25). Não podemos ter medo por
que estamos na nossa pátria.

O Índio tem capacidade de resolver os
problemas deles dentro da área... Ta-
mos sofrendo um igual o outro... As
crianças vem vindo, como é que vai vi-
ver? (p. 13)

Porque a libertação do Índio vem quan-
do o Índio decide se unir e procurar
formas de como solucionar os problemas
todos juntos...



fizeram uma reunião sobre nós - o chefe, o cacique e o coronel da aldeia, que é irmão do branco que eu tava junto antes. Entraram na cadeia dois indianos (mestiços), Lourenço e Belomir, com uma faca e uma sogá pra me atar. Entrou pensando que eu sou bandida e ladrona. Fizeram estragos comigo, abusaram de mim sendo que eu tava esperando nenê do Xangū há 3 meses. Eles não respeitaram só porque eu tinha abandonado o branco pra ficar com meu sangue. Eu tenho 25 anos. Quando eu fui viver com o branco eu nem tinha 12 anos. O branco só me queria por causa da terra. Eles cortaram nossos cabelo. O meu era abaixo da cintura. O do Xangu também foi cortado, mandado pelo chefe do Posto. Ele tinha os cabelos bem lindo. O branco matou um índio lá e ficou só 15 dias na cadeia e não cortaram os cabelo dele. Só porque nós somos Índios. Na reunião mandaram minhas crianças me chamar de bicho, sendo que eu era Mãe. O branco deu o guri de 1 ano e 6 meses pra irmã dele. Não quis dar pra mãe, pra dar pros outros. Deu a outra menina de 4 anos pro irmão dele. Sendo que tem a mãe pra cuidar. De comer e de vestir nós dava, o Xangū e eu, mas o chefe apóia só o branco. E o branco pode fazer como eles quer pros Índios e o chefe gosta. E dizendo pra mim que eu não tinha dô das crianças. Por eu ter dô que eu saí, tinha dia que eles passavam fome e choravam. As crianças tão sofrendo e ele diz que não tão sofrendo. E eu olhando dos meus olhos.

Entrou mais 4 famílias de imigrantes lá e vai chegar mais famílias, porque venderam as terra lá no Irani. O cacique tá enxergando, o chefe tá enxergando e podiam resolver esse negócio. Quando é no fim nós ficamos sem a terra, eu não quero que aconteça isso. Então, vamos dizer, os brancos lá tão terminando com o Índio. E tem mais ainda que vendeu a terra e que entraram na área. Vai lá um velho pedir um pedaço de madeira pra vender pra dar de comer os filhos, não tem permissão. Vai o branco lá pedir e ele dá madeira pra ele se fazer. Os brancos lá são considerado como Índios. A enfermeira diz que não pode atender os Índios sendo que ela vive pra isso, E uma velha lá morreu porque não foi atendida.

Sai um fandango (baile organizado pelos Índios) lá nosso e enche de branco. Entra o branco até de calção na sala pra dançar com as moças e até as mulheres casadas também tem que dançar com os brancos. Quando o Índio vai no baile deles eles tocam os Índios pra fora. Minha prima foi lá e bota ramela na cadeia, derampau nela. O que é que vem a ser isto?

Kaimã - Kaingang

Hã anos atrás que eu venho verificando nosso Posto que de primeiro aquela área ela foi cuidada pelo Estado. E o Estado cuidou do Posto de uma maneira de melhorar o Índio. Eu estudava em Ijuí e eu tã de férias pro posto, eu tã verificando isso. Eles tiravam madeira hã 25-30 anos atrás. E mais tarde a área foi dividida. Foi tocado 1/3 pro Índio. Uma parte foi entregue aos brancos, e a outra parte está cultivada, não está bem cultivada, é onde a Secretaria da Agricultura mantém lá esse pedaço (Área Experimental do Estado do Rio Grande do Sul, grilada do Patrimônio Indígena). Então nós ficamos com uma parte e nós tamos se multiplicando e cada vez se apertando na área. Estamos num aperto, plantemos num canteiro lá e não dá pra se manter. Mais adiante vai ser muito pior. Então nós tamos aqui pra ver um meio dessa parte, da que a Secretaria da Agricultura está lá, fazer empenho do Estado devolver aquela parte. Não dá pra viver assim, a gente ficaria mais folgado. Então a Funai tomou conta lá daquela área. Então se reunimos uns 3 ou 4 pra ver se a Funai dava um jeito de requerer aquela parte lá da Secretaria de Agricultura. Então nós tamos aqui pra ver se consegue resolver aquele caso lá. Eu acho muito bom isso aqui. Então a Funai sempre promete de devolver aquela parte da reserva e nada. Hã 12 anos que a gente vem lutando. E nada ainda está sendo solucionado. Mais adiante se a gente não toca essa coisa pra frente, ninguém resolve. Sõ uns canteiros lá e nós tamos se apertando. Roçar capoeira a Funai não deixa. Até pra queimar um roçado precisa ser autorizado. Temos um vizinho que tem um trator e nós pagamos lá a ele pra lavrar a terra. A gente esperar sô pela Funai não dá. A nossa intenção é de tocar pra frente. A intenção nossa era de usar o maquinário da Funai e nós pagasse com o mesmo produto, se eles não quisessem dar o trator. Temos que ficar na mesma. Já hã dois anos a gente vem esperando essa promessa.

Cacique Peny - Kaingang

Engraçado, tudo que a Funai faz em nome do Índio, mas o Índio não vê nada. A Funai é um mentiroso, eles presta sô pra enganar o Índio.

Xangrê - Kaingang

O Índio tem capacidade de resolver os problemas deles dentro da área. Nós tamos aqui pra ajudar todos aqueles Índios que ficou em casa. Temos que fazer a coisa pra ajudar todos eles. Sem se preocupar temos que fazer um plano para todos. Tamos sofrendo um igual o outro. Tem posto pior que nós aqui. Eu tive nos postos do Estado de São Paulo e eles estão muito pior que a gente. Tem posto que não tem possibilidade, tem que sair da área pra trazer bõia pra dentro de casa. Terra arenosa, precisam de adubo, como vão fazer? Deveria ter um Índio que se preocupasse com eles! Com nossa união a gente consegue. A gente tã aqui pra se entender. Pra ver nossos problema. Não vai acontecer nada (pra nós) - o Índio tem direito de agir e está sentindo que a verdade vale mais. Nós tivemos há anos hossa terra, o Índio é quem pode se envolver, se unir e resolver nossos problemas. Trabalhar unido também pra segurar estas madeira que sai da área. Se não cuidar das madeiras, nós vamos ficar sem madeira como outros lugar que tão aí raspados. A Funai diz que com o dinheiro paga funcionário, paga remédio, mas o Índio não vive de remédios. Eu conheci 3 postos de São Paulo que tã tudo raspado. SPI tirou todas as madeiras. Já tem muitos Índios velhos mas aqueles já viveram. Mas as crianças que vem vindo, como é que vai viver? Se a gente facilita, até que a gente resolve isso de se envolver, acaba tudo a madeira.

Cacique Peny - Kaingang

A madeira de lei é um seguro de vida. A Funai tem que planejar envolver o Índio. Se desse condição aos Índios, dentro de três anos não precisamos da Funai mais. O Índio se dirigia sozinho.

Xangrê - Kaingang

A gente obedece até uma altura. Já passou o tempo de dizer que o Índio não sabe se expressar, que somos crianças. Nós tamos em casa, e vem gente de fora dizer o que a gente tem que fazer. Eu nunca tenho medo do Chefe do Posto. Se ele não quer ajudar o Índio, aí que o Índio tem que se envolver e falar o que tã acontecendo. Eles (chefes de Postos) tão ganhando 10 mil cruzeiros. Agora eu tou contente,

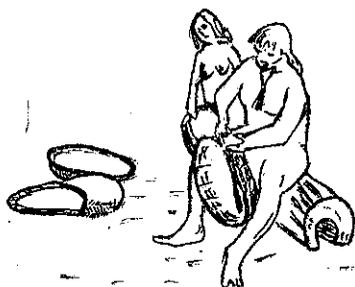
tenho mais esperança no Povo Indio que na Funai e no chefe do Posto. É preciso envolver o Indio e deixar a madeira pro Indio. Eu até agora não vi um Indio orientado pelo chefe do Posto. Os Índios tã se orientando por si mesmos! Agora, nã Indios Kaingang temos que sair nos Postos pra interessar os Indios e os caciques que ainda nã tã entendendo. Criar uniãõ pra ter força para trabalhar. É como criar um porco no chiqueiro e sã o dono que manda. O Indio jã pode fazer, tem capacidade pra se envolver. A maioria nã tem medo do chefe do Posto. Nã é certo a gente viver governado pelos outros quando a gente tem capacidade de fazer. então tã errado!

Tserenĩmi'Rãmĩ - Xavante (traduzido por Wauê)

Nã veio aqui dizer que depois do caminho (a estrada da Aldeia Nova) estã prometido a marcação da terra. Eles (Funai) prometeu a marcar nossa terra. Depois nã começamos a dar colégio pelos salesianos. Eu fiquei lã 3 anos. Nã temos de estudar. Aumentou o estudo dos padres salesianos mesmo. Nã chegamos aqui a nome dos Xavantes, nosso cacique Aniceto é mais entendido, mandou vir aqui porque ele tã preocupado. Nã veio aqui. Eu gostei. Estã bom mesmo! Aqui nã fizemos reunião. Funai prometeu lã na missão mesmo outra vez pra nã abrir a estrada (da Aldeia nova). Prometeu três vezes. Nã mandou nada. Nã esperamos quatro anos. Professora nã tem mas a Funai prometeu. Ele enganou Xavante. Funai estã pensando assim. Nã fica lã mesmo na aldeia. E nã que estã estudando, estãõ ensinando os salesianos mesmos.

Farmãcia nã tem nãõ. Funai nã dã remédio. Porque nã estamos sofrendo muito. Mas aquele Mário Juruna, chefe de Namacurã, ele tem a cabeça mais na frente. Aquele é mais bom. Ele conversou com General Ismarth, pra mandar remédio, pra ajudar a saúde. Salesiano tã ajudando. Funai tã enganando Indio. Funai quer pegar Xavante pra pisar no pã. Isso aqui é malandragem da Funai. Antigo nosso chefe Apoena nã quer mais andar, e depois o mais novo Aniceto entrou com Mário, ele tã conversando sobre Terra. Ele também tã conversando das ferramentas, das enxadas, das foices, eles prometeram também. General Ismarth disse: "Por que vocẽ nã fica na sua terra? Nã tem trabalho, fica sã andando?" Nã tamos aumentando. Nossa gente aprendeu língua do branco. Vocẽ que pediu a terra pode trabalhar, pode aumentar trabalho. Nã

esperamos já dois anos. Eles, os salesianos, foi quem trouxe farmácia de tudo. Depois, tã plantado alguma coisa de arroz, mandioca, milho, feijão, porque estamos sofrendo, sofrendo demais. Dos 16, os 6 alqueires nōs fizemos de roça de arroz. Estamos começando mês de abril a colher arroz. Viemos a reunião ouvir e estudar. Gostei mesmo. Depois eu vou contar pro nosso cacique, porque nōs veio a qui por ordem dele.



Omitzokay - Pareci

Fazia muito que queria conhecer os irmãos do Sul, queria conhecer a problemática mais de perto. Mas a gente vê que tem problemas em toda parte, desde Norte a Sul, Leste e Oeste. Vamos conseguir solucionar nossos problemas a partir que o Indio assuma, através dos meios legais. O Estatuto do Indio dá grandes garantias pra nōs. Vimos a espoliação que o Indio tem. Indio é oprimido. Por que dentro das nossas comunidades não fazemos uma força? Quer dizer, a força da nossa comunidade vem da gente escolher o nosso chefe. A partir de quando um grupo assume a gente tem a clareza de idéias para fazer um planejamento de trabalho. A Funai, quando a gente tã unido, vai nos ouvir com mais respeito por causa da nossa força. A divergência entre as comunidades é o que faz nossa fraqueza. Temos que estudar um método de trabalho e planejar para melhor poder solucionar nos problemas. Vocês têm as terras, mas sempre foram espoliados; a gente viu que até agora pouco vocês usufruíram dela. A riqueza foi parar nas mãos dos outros. Temos que estudar uma maneira de aplicar isso pro bem da comunidade. É ruim quando a gente pensa sō na gente. Aproveitar da nossa comunidade pra melhorar a gente, eu vejo que é uma traição que a gente faz contra ela. Lã no Norte os Indios não passaram uma fase tão longa de sofrimento, de espoliação como vocês. Aqui eu creio que todos vocês estão se aclarando as idéias, estão procurando um nível de vida melhor. Em minha comunidade a gente encontra dificuldade porque um pensa de uma forma, outro de outra. Isso não ajuda o trabalho de união. Mas enquanto a gente não tiver uma organiza-

ção forte, uma chefia forte com clareza de idéia. Porque se tem que descobrir os elementos da Funai, das missões que querem bem ao Índio. Porque a libertação do Índio vem quando o Índio decide se unir e procurar formas de como solucionar os problemas todos juntos.

Caraí - Guaraní

Onde eu tou não tem posto. Moro em Bracuí, Estado do Rio, não sou aldeado. Eu recebi aquela carta, eu não sabia bem o que era, mas eu vim assim mesmo. Eu não falo muito bem. Sobre a Funai, o que a minha gente tava falando aqui eu tenho que confirmar que tá tudo certo. A Funai promete mas não faz. Eu vi isso também e dou a prova. Não é de hoje que os Índios sofre. Eu tou lá no meu lugarzinho, tou sossegado e a Funai não sabia que tinha Índio Guarany lá. Sendo Índio é tudo parente. Porque primeiro somos de Deus, depois disso nós somos nós aqui na terra, pobre ou rico. Eu mesmo nunca fui ajudado, nem um pedacinho de comida. Lá não é minha terra, mas tenho minha plantação e quero ficar lá. Fui na Ilha do Governador para ver se arrumava um lugarzinho lá pra nós e disseram que eu era fugido, que vinha pra mentir na cidade. Falam que os Índios é ruim, é la drão. Diz que os Índios não trabalham, são vagabundo, vem na cidade para falar mentira. Mas o que o Índio fala é tudo verdade. Eu vivo do meu braço. Por isso mesmo os Índios tá tudo espalhado, por causa disso. Se eles se interessas se no Índio, então não tava assim, mas eles tão tirando a madeira conforme vocês também tão falando. É isso que acontece na nossa vida. É só isso que eu quero falar.



Verá-Kutchuwuy - Guaraní

O que acontece é isso mesmo. Até a data de hoje não pra nós tá sofrendo. Quanto? Quanto eles não pegam, não dão profis são pros Índios. Desde a quele tempo, 1923/24 eu andei junto com Marechal Rondon 6 meses; tinha 12 anos vendo essas coisas.

Desde aquele tempo os Índios não tinham profissão. Dã escola e não dã profissão. Quando um Índio estuda um pouquinho, eles chutam pra lã. Que quero que todos meus irmão que tão por aqui que não vão atrás da Funai, que a Funai não ajuda. Eles comem, bebem, compram seu carro às custas do Índio, e cada dia os Índios vão indo mais pra baixo. É por isso que eu digo, meus irmãos, se segurem com esse pessoal (CIMI) que de certo eles tem interesse em ajudar o Índio. A Funai mata o Índio, dão comprimido pra morrer, eles não dã comprimido pra ajudar. Se vocês têm algum problema de terra pra resolver, reclama eles aĩ (ao pessoal do CIMI) que de certo eles vão ajudar. Se for a procura da Funai pra ter profissão, eles tem profissão de roubar os Índios, de comprar carro com o dinheiro do Índio. Eu lã na minha aldeia não preciso da Funai pra me atrapalhar. Esse homem aqui tã com 67 anos. O Índio ainda não tem direito, por quê? Vamos se unir Índio com Índio. Nõs mesmo é que somos os donos da terra e os dono do Brasil porque nõs somos Índio. Eu não tenho vergonha de falar, porque se tem que falar nõs falamos.

DIA 17/04 - À TARDE

Klinton - Kaingang

Atravês desses encontros com os caciques de outros postos, outras aldeias e Estados, é que faz os problemas que precisam ser debatidos ser sentidos. Como lã em Mangueirinha, tem uma parte da nossa terra que está sob o domínio da firma Slaviero, queremos que volte para a reserva indígena, mas está um pouco demorado. Em 75 fomos à Brasília e tivemos promessa que logo seria resolvido nosso problema da área, mas até agora não tivemos solução nenhuma. Os Índios não tiveram apoio do chefe do Posto. Mandaram um ofício muito bonito do Presidente da Funai, mas não foi executado. Em 76 começaram a ser afastados os colonos invasores de Nonoai, RS. E também, em junho, no Posto Xapecozinho (SC) iam ser afastados os arrendatários e até agora não foi afastado. Lã em Mangueirinha (PR) tem 6 capataz vigiando e cuidando dos pinheiros como se fosse dos Slaviero. Em Palmas, PR faz 5 meses que eu tou trabalhando, e foi vendido também 80 hectares de terra da área dos Índios pelo SPI.

Jã passou 5 ou 6 donos. Atorou a área pelo meio. Como se pode entrar numa fazenda e atorar no meio, dividindo em duas partes, como foi feito lã em Palmas? Eu não sou contra a Funai, que eu apõio é mais um pouquinho de respeito. Se o SPI foi cassado por causa dos abusos nas áreas indígenas, a Funai não cumpriu ainda o que prometeu: a limpeza da área (limpar dos intrusos), legalização das terras indígenas, a situação do Índio. Temos que lutar pra que seja feito aquilo que prometeram - terra, saúde e educação em primeiro lugar precisa ser normalizado. Por ora, meu depoimento é isso.

Piri - Apiakã

Na minha terra somos poucos. Nosso serviço lã, nōs plantamos mandioca e arroz. Não tem saída pro arroz. Temos uma professora e uma enfermeira, que é minha patroa e tã com 12 anos que ela trabalha nisso. Quando ela não dá conta do serviço, então manda pro posto. Nōs todo ano derruba um pouquinho de mato pra pôr criação de gado. Tem 12 cabeças, com isso nōs vivemos, levamos nosso povo devagarzinho, vamos se levantando devagarzinho. Nōs ainda tem um grupo fora da nossa comunidade, que tã vivendo no mato, que nōs não sabemos bem onde eles estão. A coisa tã apertando por todos os lados e o nosso problema maior é esse.

Iupãriup - Kayabi

Vivemos apertados assim. Lã na minha terra tem melancia, feijão, milho. Nosso povo tã dividido. Tem parte lã no Xingu que queria se reunir. Tã tudo misturado com o pessoal de Munduruku. Tem um fazendeiro lã de Cuiabã, de São Paulo, que entra no meio de nōs e nōs vive apertado assim. Tem um marco mas ele plantou a milharada no meio de nōs. Ele quer me aperseguir. E nōs teria bananal, mandioca, canavial, arroz, que nasce tudo. Caça não falta. Pesca não falta.

Tucumã - Kayabi

Nōs somos Índios Kayabi. Lã no Mato Grosso, nōs mora mais longe que vocês. Então ele tã falando que tem muito pessoal nosso que tã espalhado. Então nōs viemos conhecer cã do grupo de vocês. Nōs temos o negócio da área, da reserva. Lã é mato bruto, tem onça. Viemos assistir a reu-

não de vocês, nê. Sô sei que foi uma luta pra nôs vir até aqui. Condução é difícil. Nossa área é grande, sô que nôs somos poucos, nê. Os brancos levaram maior parte do nosso pessoal. Até agora a Funai não deu permissão para procurar e trazer nossos parentes que tão tudo espalhado, no Xingu, em Barra. Porque a gente sente falta dos parentes. Nossa turma lá reclama um pouco, que nôs somos pouco. Então nôs viemos aí e esperamos que vocês vão lá onde nôs estamos. Em comida tem muita, tem muita qualidade de bicho. Não pensava nunca de vir pra cá conhecer vocês de tudo essas tribos.

Omitokay - Pareci

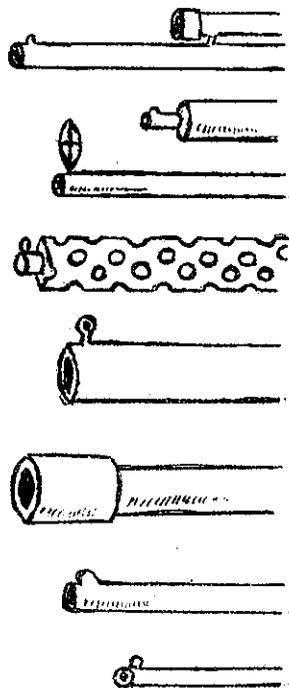
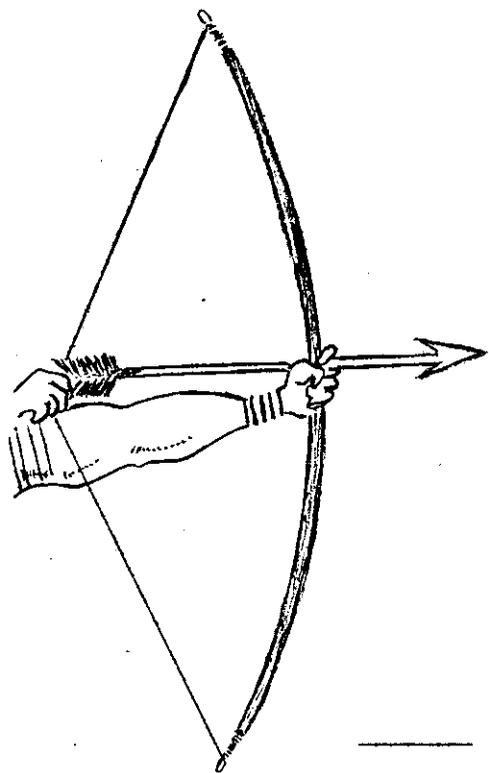
(Explicando a situação dos Kayabi e Apiakã). As reservas estão demarcadas, pela Funai, mas tem pouca gente e muito trabalho. Tem Kayabi no Parque do Xingu que os Irmãos Villas Boas levaram. Então está um grupo reduzido. Tem muita castanha, tem madeira e não tem invasão de intrusos. Estavam abrindo uma estrada dentro da reserva e eles mesmo tocaram os homens pra fora. Não tem posto da Funai em nenhuma das reservas, sô os padres missionários trabalham lá. Apenas a nossa área Pareci ainda não foi demarcada.

Candeté - Kaingang

Lá na nossa aldeia de Pinhalzinho, os brancos é a maior parte é tão tirando madeira, fazendo as casas deles. Quando a gente vai embargar a gente muitas vezes tem medo, nê? Eles criando os filhos deles dentro das propriedades dos Índios. Muitos de nôs já apanhou nas estradas. Muitas vezes a gente vai nas bodegas pra arriscar a vida. Quem sabe neste encontro vai ter alguma coisa pra defender os Índios... Os intrusos tão entrando na área com carroça e tudo! Eu como sou capitão fui prender o intruso. Os brancos vieram invadir minha casa, eu não tava em casa - sô a mulher com as crianças. A gente tem que arriscar. Então o menino abriu a porta assim e entrou o cano de espingarda e perguntou: "Onde está o capitão?" Aí eles gritaram pro vizinho: "Vem ajudar que os brancos estão invadindo a casa!" Eram oito que arrodaram a casa. O acontecimento mais bravo que aconteceu foi esse, nê. O resto é manso. Mas será que eu sou dono da aldeia, sou Índio afinal, será que eu não vou ter direito?

As autoridades sabe que o intruso queria matar. Assustou minha mulher e tudo com espingarda. Então isso ali foi botado nas mãos do delegado. O delegado tomou providência. Tem que se tirar essa gente que tã incomodando o Indio. Eu tou com 47 anos e quando eu fui em Nonoai tinha 17 anos e não tinha nenhum intruso. Muitos de nōs Indios jã fomos surrados. Se for contar tudo a verdade que aconteceu lã hã 10 anos, 15 anos atrás, não dã nem pra contar. Ôia, tem muito indio que foi morto ã pedra. Meu tio João Cabrito foi morto na estrada, ã pedra. Tem indio que ficou aleijado. Tem gente bom que nunca merecia isso. E por que acontece isso, nê? Como nōs ainda tamos no encontro, pode ser que aconteça alguma coisa. O Indio vai morrer ã mingua? Se fosse

dia do indio



se nós que quisesse brigar com os brancos, nós tinha brigado. Tem gente que mora em Paranã, Santa Catarina, eles são natural de Nonoai, mas foram expulsos pelos brancos. Nós nunca usemos a arma porque a arma que nós temos é a flexa.

Há dois anos nós recebemos essa carta do General Ismarth. Então eu achei bom que a Funai ia deixar a terra limpa. Mas já faz dois anos que nós tamos esperando, então que é isso aí? Será que não somos filhos de Deus? O Indio não vale nada pra eles.

Pra verdade, pra tirar o branco da terra dele, o Indio tinha que arriscar a vida. Porque não é de agora que a gente vem apanhando. Isso faz já mais de quinze anos. Essa parte de violência é quase todo o tempo, quase todo o mês. Nós temos que ter algum direito, alguma lei que proteja o Indio.

Txibae Ewororo - Bororo

Tamos acostumados a sofrer, a morrer e a brigar. Aquele entusiasmo a gente tem que dar para outros. Certas tribos começam a pensar que é melhor do que outra. Minha reserva tá legalizada, se eu fosse pensar sô em mim, não taria aqui. Temos que ser todos unidos. Nós vamos morrer mesmo, mas vamos morrer lutando pra conservar o que é nosso.

DIA 17 - SESSÃO DA NOITE

O Mizokay - Pareci

Existem coisas que podem sair solucionadas aqui. Vamos cumprir as propostas nas aldeias e não deixar sô no papel. Nossa primeira coisa é contar ao grupo, ao voltarmos para casa, contar pra todo mundo o que passou aqui.

Xangrê - Kaingang

Eu acho que a gente não deve de ser uns contra os outros, mas quando a gente vê um Indio que não é autoridade, mas que fala o certo, temos que fazer força pra ele se unir com a gente. Com calma a gente vence tudo. Não se ven-

ce ninguém com violência. Paciência não prejudica ninguém. Daqui por diante nós temos que se unir porque vamos criar esse nosso povo. Vai valer mais quem pode mais. O erro é pra quem tem, não é pra quem não tem. A gente não pode ter medo do Chefe do Posto.

Kagrê - Kaingang

O próprio Indio não pode sentir que passou a ser condenado.

Cacique Peny - Kaingang

Eu mesmo fui preso 12 dias pelo outro cacique e o chefe de Posto. Passei três dias sem água e três dias sem comer. Mas eu saí sabendo que eu tava certo e que ia continuar lutando pelo Indio.

Tribae Etororo - Bororo

Aquele que não importa com o problema do Indio, está renegando o próprio Cristo. A Igreja também tem essa responsabilidade.

SOLUÇÕES PARA OS PROBLEMAS APRESENTADOS:

1. Chefia Indígena: "... pedimos que seja respeitado o nosso direito de escolher nossos chefes conforme o nosso costume tradicional." A comunidade inteira deve escolher o cacique. O chefe de Posto não pode escolher o cacique. Ele trabalha pelo dinheiro e não pelo Indio.
2. O chefe de Posto apoia o intruso mais do que o Indio. "... queremos total apoio do chefe de Posto".
3. O chefe de Posto que é bom, a Funai tira. "...antes de ser mudado o chefe de Posto, devia ser consultada a comunidade indígena."
4. Proibição de nossas reuniões: ver o Estatuto do Indio , artigo 66 que garante a Convenção 107, direitos como todos os cidadãos.
5. Funai promete trator e não dá: Xavante três anos esperando o trator. Kaingang de Nonoai esperando dois anos, resolveram tomar parte da colheita da soja para garantir

trator antes do fim do mês de abril.

6. Assistência Médica: devia ser para todos os grupos.
7. Intrusos: Funai devia garantir as terras, pelo Título III, Cap. V do Estatuto do Indio.
8. Atuação do DGPI: temos o direito às madeiras pelo artigo 22. Tem que haver revertimento em benefício do Indio pelo artigo 43.
Tem que haver reflorestamento pelo artigo 46.
Os Indios podem usar as máquinas do DGPI pelos artigos 40 e 42.

29 DIA - 18 de ABRIL de 1977

Tupã-y - Guarany

Primeiramente eu agradeço pela feliz oportunidade de proporcionar a mim esta viagem, esta estadia aqui para conhecer outros irmãos das nossas tribos. Nós que já convivemos anos e anos de contato com a civilização do branco, já sabemos com sobeja razão, já chegamos à conclusão de que quem tem interesse na vida do Indio, na pessoa do Indio, é o próprio Indio. Chegamos ao fim da picada, ao fim da estrada: ou nós avançamos ou nos entregamos ao branco. Esta reunião que nasceu da experiência de quem tem um pouco de humanidade, de amor ao próximo, nós devemos levar avante. Meus irmãos, chegou a hora de nós levantarmos a voz pela sobrevivência da nossa gente, que antigamente foi um povo feliz, um povo despreocupado. Somos um povo que já teve pátria, é que não tem mais pátria. Vivemos em terras invadidas, intrusadas. Nossas leis são feitas por pessoal lá de cima, que dizem que nós temos direitos. Nós temos direitos no papel, mas onde está a realidade?

Tenho uma cicatriz na minha vida, no meu coração, que nem o tempo nem os séculos vão apagar. Que eu estou preocupado com meu povo. Eu estava querendo fazer o verão sozinho. Como diz o ditado nê. Uma andorinha só não faz verão. Chegou a hora que nós sozinho não conseguiremos fazer nada. Precisamos nos unir braço a braço, e levantar alto a voz dos nossos antepassados que foram massacrados. Chegamos a um ponto que nós os Indios devemos tomar a rédea do governo indígena, e esse é o caminho certo: a assembléia, reunir, ouvir todos.

Muitas vezes a presidência põe no papel um plano bonito e manda pra cá, e daqui vai um relatório: "Ah, mas os Índios daqui estão muito feliz", quando na realidade estamos a zero. Eu já entrevistei o Ministro do Interior, Rangel Reis. O Índio que enxerga um pouquinho, eles tem medo, isso é que é a verdade. Disseram que o Ministro não podia me ver, mas eu esperei. Eu disse ao Ministro que o problema, que a lei do Índio, essa lei nova, não pode ser aplicada de modo geral. Que o problema do Índio hoje é complexo. Que o problema do Índio do Sul é muito diferente do dos nossos irmãos lá do Norte, do Amazonas. Eu disse: "Olha, sr. Ministro, este problema de emancipação do Índio está longe." Porque a emancipação, meus queridos e prezados irmãos, está baseada no problema econômico. Se o Índio não tem isso aqui, não pode ser emancipado, não tem condições. Aqui está o começo da nossa emancipação, então vamos entrelaçar o nosso pensamento, a nossa coragem, porque hoje nós precisamos ter muita coragem. Porque tem muita gente que gosta do Índio, mas tem muitos que querem exterminar o Índio pra ficar com o pouco que nós temos.

Tem noites que eu não durmo, pensando nos nossos problemas. De esperar nós estamos cansados. Todos aqui temos essa experiência. Nossas reservas estão devastadas, sem madeiras. Quem tirou? Foi o Índio pra fazer suas casas? Não, foi o próprio branco. Não podemos mais ficar de braços cruzados. Essa talvez seja a última oportunidade pra nós erguer a nossa tribo, erguer a voz das nossas tribos. Lá fora tem muita gente boa, a imprensa, a televisão.

A Funai não achou bom não quando viu a entrevista do Índio na televisão lá. Eles foram atrás e acharam o Índio na portaria da Rádio Nacional. Nós não podemos ter medo. Porque nós estamos na nossa pátria. Estamos na nossa terra. Nossos pais nasceram aqui, viveram aqui. Não podemos pensar no tempo porque é muito longo, a história da nossa gente. Então nós temos que gritar.

Meus irmãos, eu me sinto tão feliz, me sinto recompensado por toda nossa experiência. Eu não fico quieto não. Eu reclamo, eu falo, eu denuncio. Houve um capitão lá na minha aldeia, ele se uniu ao encarregado (chefe do Posto) pra perseguir os Índios. Foi uma correria lá. Eu fui perseguido, minha gente foi perseguida. Então eles se uniram com o chefe do posto pra escravizar a nossa gente. Eram presos, amarra-

dos com arame, levados para o posto. As moças não podiam sair, eram presas pela "polícia indígena", levadas pra roça do capitão, tiradas as roupas e passavam a noite assim na prisão. Eu já sofri muito. Uma vez me espancaram, me ju diaram, me levaram pra Dourados (MT). Lã dormi entre dois soldados como se fosse um criminoso perigoso. Fiz meu depoimento lã. Quando cheguei, o encarregado (chefe do Posto) tinha mandado meus filhos, minha mulher, tudo pra Dourados, tinham expulsado. E eu tinha morado 30 anos lã. Pra dizer bem a verdade, a Funai não tem gente com capacidade moral e capacidade material para sustentar uma casa. Um dia o povo brasileiro dos brancos talvez venham a conhecer a história real dos Indios do Brasil.

Vocês não se esmoreçam, não desanimem. Vamos pensar em todos os Indios, em Nação, para que num futuro não muito longe tenhamos oportunidade de ver a nossa tribo sobreviver, emancipar. Eu falei pro encarregado: "Você é um dos elementos que tirou a nossa felicidade" Essa índole do Indio que vocês dizem que é preguiça, na verdade é a felicidade que o Indio traz do passado. Você acha que a pessoa que viveu esta felicidade vai acostumar a viver neste trabalho, nesta cabeça quente que vocês vivem por aqui?



Não é de hoje que eu sonhava com uma Assembléia de Indios. É uma coisa maravilhosa. Tem gente que quer que a gente sempre ande com a cangaia no pescoço. Eu fico emocionado, muito grato a vocês, principalmente esta gente que estão interessados em restaurar a nossa tribo que foi uma grande nação, no passado.

Omizokay - Pareci

Grande parte da opinião pública não sabe da realidade do Indio e se nós ficarmos aqui no silêncio, nunca vão ficar sabendo de nada. E vocês vejam que a opressão é tão grande que nós perdemos até a nossa coragem.

Xangrê - Kaingang

A gente deve falar porque ê o que a gente tã sentindo. A gente nunca deve engolir o que a gente tã sentindo. Faz anos que eu tive tentando ver os nossos problemas por ai. Desde que eu tinha 15 anos que eu me preocupo com as nos-sas vivências. Ai, pela cabeça dessa senhora (Xod Fei) e desse homem (Xangü), estã provando que nôs não estamos preocupados com a nossa gente. Então eu fico tão triste que essa senhora jã ficou presa na cadeia com um filhinho de um ano e seis meses. Então eu fico tão triste de ver isso. En tã eu acho de que a gente tem que fazer as coisas e não ficar sõ pensando, sõ falando. Eu acho que o problema ê sê rio e que a gente tem que planejar o que a gente vai fazer, porque ninguém faz, o branco ê que não vai fazer; nôs mes-mos ê que devemos fazer.

Olha, outro dia quando eu tava indo pra São Paulo, eu vi umas casinhas onde a gente pobre da cidade mora. Um^{as} casinhas bem feias, de papelão, de lata, mais feias que nos-sas casinhas de capim. E o pessoal morando lã tudo amontoa^{do}, em cima do outro. Não tinha terra nem pra olhar. O li-xo tava amontoado em frente das casinhas deles. Eles tão pior que nôs lã na aldeia. Então eu fico pensando que a gente tem que cuidar para não ficar assim...

Tupã-y - Guarany

Tudo lã eu denunciei, fui na imprensa, fiz tudo sozinho. Pois as missões que estão lã faz que nem tartaruga. Meus irmãos, as únicas missões que estão do lado do Índio são as missões católicas, porque as de outra religião, na hora do perigo, elas faz de tartaruga: enfia a cabeça na casa.

O Cláudio Nenito, ele veio daquela reunião de Meruri. Ele veio, ficou uma temporada em Dourados, mas estava expressamente proibido de entrar na área indígena. O Nenito depois foi preso na cidade, sem mais nem menos, pela polícia. O Bispo imediatamente acompanhado por um vereador de Dourados foi no Posto. Foi quando o Sr. Bispo foi detido 40 minutos na sede do Posto e foi maltratado com palavras duras. E daí que não consumiram com o Nenito, que o plano deles era consumir com ele.

Félix - Terena

Nós temos um candidato a vereador pela Arena que se diz ser representante dos Índios Terena. Mas que na verdade é mais representante de sua própria família do que a tribo Terena. E todos, os seus pais, seus irmãos, estão todos empregados na Funai ou na prefeitura de Aquidauana. Não dá nenhuma oportunidade aos nossos patrícios só para dizer em seus discursos que são sua família são Índios inteligentes. E diz que se preocupa mais com a educação e a saúde nos meios civilizados para pegar mais apoio como vem sendo apoiado pelos civilizados gananciosos sem pelo menos saber como é que é a vida dos Índios Terena, seus irmãos. Ele só vem à nossa aldeia nas épocas das eleições e em algumas ocasiões quando é para o seu interesse, ou para aparecer o seu nome em jornais e televisão que é do seu agrado. E aí vem os homens gananciosos apoiando sem pelo menos ter contato direto com os Índios. E quando aparece algum Índio olhando a sua falta, ele logo trata de amedrontá-los toda a tribo Terena, que são muito medrosos. "Eu vou exportar o Fulano" - aí a Funai vai e exporta o fulano. O quartel vai prender o fulano, diz que eles é comunista e que tem liga com os padres, se seguirem o conselho deles, o governo vai tomar as suas terras. Mas não sabe que o fulano que está sendo criticado é o homem que está levando a tribo em frente, é o homem que está incentivando seus irmão Terena ao trabalho, e que hoje está aí nas folhas de jornais do país, que a tribo Terena está no caminho da integração e emancipação. E que o desenvolvimento de minha aldeia começou no ano passado quando o fulano voltou para a sua aldeia. Mas apoiados pelo ex-Delegado da Funai, o Gerson da Silva Oliveira, que hoje está na direção do DGO, é que muito a tribo Terena hoje deve o favor.

E agora, dia 28 com a chegada do Presidente da República na nossa aldeia, é a hora do nosso patrício sangue-sugã aparecer, querendo aparecer para ter mais apoio do governo federal. E vai aparecer porque não temos ninguém por nossos Deus nos acuda. E o nosso capitão (cacique) dirigido por ele, também só pensa em sua família e não resolve nada para a aldeia. E fica pedindo esmola nos estados de São Paulo, sem autorização da Funai e recebendo roupas de defunto para sua família. Isso envergonha a tribo Terena.

Candeté - Kaingang

Estes intrusos tem raiva do Indio sendo que eles estão plantando na área do Indio. Então ali o Indio é dono da aldeia, né. Então, invés de trabalhar sossegado, eles vão iludir o Indio para ele ir nas bodegas para então severar o Indio. Então ali eles aproveita o Indio e espanca o Indio. Eles falam que o Indio não trabalha. Hoje em dia ninguém vive sem comer, então o Indio tem que plantar como de fato planta, feijão, milho, arroz, batata, mandioca, cria porco. Então ali o intruso já quer tomar a frente do Indio. Em vez de colaborar com o Indio, os intrusos ficam ameaçando, né. Então o Indio tomou uma paulada na cabeça de um tal de Nino Capelaris, um bandido lá que sem merecerem ele já machucou não sei quantos Indios. Outro é o Toni e o pai dele é o Emílio Consi. Em vez do Emílio educar certo o filho que nós estamos trabalhando na área dos Indios, ele dá mau formação pros filhos. Então tem o mau elemento também que tão se virando em bandidos. Eu sempre que sou autoridade, eu já arrisquei muito a vida, porque eu cumprio a lei conforme que a lei manda. Se deu também, na Bodega, que os intrusos avançaram em 8 contra o Indio Ernesto, que caiu quase morto. Então os intrusos ficam na bodega só pra esperar o Indio, né.

Esses acontecimentos ali já foram comunicado ao chefe do Posto e nada foi resolvido. Delegado do Planalto também já tem muita reclamação minha. Tem advogado do Planalto que é pago por safra. Então quando o chefe de Posto dá uma ordem pra não cobrir o rancho, porque eles espera pra reclamar. Esta turma da aldeia, dos intrusos, eles não obedece mesmo. Eu já sei.

Nós tamos em Pinhal, que tem fruto agora (aldeia de Pinhalzinho). O Indio tá reservando pra ele tirar o pinhão pra comer. E os intrusos já não estão deixando o Indio tomar conta do pinhal. Tão queimando com roça. Nós que somos Indios temos que reservar aquilo, mas o intruso tá tomando conta, derruba nosso pinheiro, rouba nosso pinhão.

Quando eu me conheci por gente, nos 16/17 anos, era tudo área (indígena). Depois foi tirado uma parte grande para o Estado, para Reserva Florestal. Lá também mora umas 70 famílias India. Então por que que os guarda-florestal não deixa outros Indios ir pra lá? Lá, os que moram é porque nasceram e se criaram lá. Chico Canherô é o mais velho de

toda a aldeia do Rio da Várzea. Então ali tem pinheiro, tem pinhão, tem fruto afinal, que o Índio sempre vive do pinhão, nê. Então eles agora não deixam entrar lá pra tirar pinhão, para pescar, para caçar. Como? Se aquela área era tudo do Índio. Então a gente precisava tirar taquara pra fazer artesanato. Por causa da Guarda-Florestal a gente não pode chegar mais lá, sendo que a reserva é do Índio. O mais bandido dos guarda-florestal é Evaristo Nove-lo. Logo depois que viemos de Brasília eu fui lá e eles me ameaçaram de revólver. Eles me acharam que nem bicho-do-mato, sendo que eu sou Índio. Eles me ataram e eu tive de aguentar tudo.

Xangü - Kaingang

Estes brasileiros que tão junto com nãos, casaram com Índia, então quando deu a cortação da terra que os brancos tomaram também, eles não quiseram ficar junto com o Índio. Então depois venderam pra lá e voltaram pra área. Então são outras fera também. Eu quero saber de quem consentiu, se a Funai ou o chefe de Posto. Nesse ponto o Índio não foi ajudado, e eu não consinto, por minha parte, porque senão chega o tempo de não ter terra pros nossos filhos. Nãos devemos de cuidar bem nossa terra que o governo deixou pra nãos. Se vai desse jeito então nãos vai perder nosso valor, nãos não somos mais Índios, vão dizer que somos já civilizados, sendo que nãos somos legítimos brasileiros. De tudo o que eu luto com vocês, eu dou uma mão pra minha tribo. Dentro da minha terra eu não consinto português porque se fosse eu ganhar esse terreno, que fosse brasileiro, eu não ia vender. Porque o Índio nunca foi ajudado e nunca envolveram eu pra dar educação pros meus irmãos, para o bem da comunidade, nê. Sempre me chutaram, faziam pouco de mim, nê.

PARTICIPANTES DA VIII ASSEMBLÉIA DE CHEFES E REPRESENTANTES
INDÍGENAS

- Fagnhotê (Pedro Afonso) Kaingang - P.I. Xaçecô (SC)
Yeicag (João Maria Modesto) Kaingang - P.I. Xaçecô (SC)
Peny (Cacique Alcindo Nasc.) Kaingang - P.I. Nonoai (RS)
Meiê (João Carlos) Kaingang - P.I. Nonoai (RS)
Kalei (João dos Santos) Kaingang - P.I. Nonoai (RS)
Xangú (Natalício) Kaingang - P.I. Votouro (RS)
Xod Fei (Angelina) Kaingang - P.I. Votouro (RS)
Xangrê (Nelson Jacinto) Kaingang - Todo Iraí (RS)
Kaima (Capitão Antonio) Kaingang - P.I. Inhacorã (RS)
Nencãi (Arlindo) Kaingang - P.I. Inhacorã (RS)
Klinton (Chico Luís dos Santos) Kaingang - P.I. Palmas (PR)
Candetê (Capitão Marculino) Kaingang - P.I. Nonoai (RS)
Vêra-Kutchuwý (Capitão Ant. Branco) Guarany - A.I. Itariri (SP)
Carai (Argemiro da Silva) Guarany - Bracuí (RJ)
Ewã (Teresa da Silva) Guarany - Bracuí (RJ)
Tupãny (Marçal de Souza) Guarany - P.I. Dourados (MT)
Félix Pio. Terena - P.I. Taunay (MT)
Wauê (Ivo) Xavante - Res. S. Marcos (MT)
Tserenim Rami (Tobias) - Res. São Marcos (MT)
Omizokay (Daniel Matenho Cabixi) Reserva Pareci (MT)
Txibae Ewororo (Lourenço Rondon) Res. Meruri (MT)
Tucuma (João Leitê) Kayabi - Rio dos Peixes (MT)
Iupãriup (Francisco da Silva) Kayabi - Rio dos Peixes (MT)
Piri (Pedro Morimã) Apiacã - res. Piacatuba (MT)
Piru-i (Álvaro) Res. Piacatuba (MT)

**oitava
assembleia de**



**chefes
e
representantes
indígenas**

MENSAGEM DO DIA DO ÍNDIO

MENSAGEM DO DIA DO INDIO

Hoje, dia 19 de abril, é o dia que no país inteiro se dedica ao Índio. Não sabemos quando foi criado o Dia do Índio e nem de sua especificação, mas aproveitamos a oportunidade para levarmos à opinião pública nossa mensagem do DIA do INDIO.

Primeiro queremos dizer que o dia 22 de abril do ano de 1500, quando Pedro Álvares Cabral, pela primeira vez, pisou nestas terras, foi o começo da expansão da civilização ocidental e o começo do fim das sociedades indígenas.

Com o passar dos anos intensificou-se a nossa destruição, que foi acarretada pela civilização ocidental. Esta usou os mais diversos instrumentos de degradação, que foram o massacre de grupos indígenas. Auxiliam neste método, as doenças trazidas pelo branco e por nós nunca antes conhecidas; a espoliação de nossas terras; aplicação de métodos de educação colonialista-etnocêntrica que não respeitou a nossa estrutura política-econômica-religiosa.

Tanto assim é que até o século XVI os Índios eram considerados animais irracionais, e precisou que o Papa Paulo III declarasse à opinião pública da época que éramos seres humanos dotados de corpo e alma. Mas apesar disso a destruição do povo indígena continuou.

Foi com alarmante situação nossa, e aos clamores de alerta de pessoas de outros países, que então foi criado o SPI - Serviço de Proteção ao Índio. A corruptividade dessa entidade fez com que ela fosse dissolvida ao menos no nome e foi criada a atual Fundação Nacional do Índio, Funai.

Não podemos deixar de reconhecer aqui o esforço que a Funai tem feito no campo de assistência à saúde. Mas por outro lado temos a dizer que fatos comprovam também a omissão desse órgão nas resoluções eficazes da defesa dos nossos interesses, ao ponto de auxiliar na espoliação do patrimônio indígena.

Portanto, estamos aqui tentando mais uma vez ser ouvidos pelos órgãos oficiais e a opinião pública. São inúmeras as viagens dos representantes indígenas até Brasília tentando resolver seus problemas. Nunca somos consultados pela Funai no que se diz a respeito dos planejamentos. Tudo é deci

dido em Brasília, sem a presença ou sugestões de qualquer Índio. Se a Funai quer realmente ajudar o Índio em seu desenvolvimento, ela é que deveria promover e possibilitar esse tipo de encontro, onde aos Índios é permitido se expressar livremente e juntos buscar as soluções para os problemas. A Funai existe há 10 anos e os problemas continuam os mesmos.

Os Índios são povos livres que há milhares de anos vivem nessas terras. Não podemos aceitar que outro povo decida os caminhos que devemos trilhar. DIA DO INDIO deveria ser o dia de escutar o Índio.

As pessoas entendidas de problemas indígenas e que fazem as decisões em Brasília são antropólogos e gente alta da Funai que não vivem a realidade do Índio brasileiro, portanto não sentem o problema. Essa gente parece que não quer ouvir o Índio.

Não seria o momento de ligar a Funai diretamente à Presidência? Para não nos acusarem de que estamos sendo teleguiados, somos francos em dizer que esta idéia surgiu há alguns anos atrás, por pessoas simpatizantes com a causa indígena e que, no momento, estudado pelos Índios como última alternativa viável, porque como está, a Funai jamais terá autonomia em suas decisões a favor do Índio. Como se pode conciliar divergências de interesses dentro da própria família?

EMANCIPAÇÃO, INTEGRAÇÃO - são termos antropológicos. Que representam estas palavras para o Índio? Acaso foram termos criados pelo Índio? Como as sociedades indígenas interpretam estes termos? Emancipação e integração na sociedade da civilização ocidental? Acaso estamos pedindo "integração" e "emancipação" na sociedade dos brancos? NÃO! Nós queremos apenas reconhecimento e respeito à nossa integridade física e cultural. Que nossa integração e emancipação sejam feitos dentro dos nossos padrões culturais.

Queremos na oportunidade declarar que a Igreja na sua totalidade, por muitos anos manteve-se no silêncio ante a destruição dos povos indígenas. Ultimamente se vem notando maior ênfase da Igreja no campo da Pastoral Indígena. Com uma nova luz no proceso de libertação dos povos indígenas, quem aparece com ênfase neste campo é o CIMI, Conselho Indigenista Missionário.

As missões católicas ou protestantes, ou seja, de outro credo, terão que remodelar sua estrutura de assistência ao Índio, despojando-se de sua ideologia colonialista e reconhecendo os nossos valores culturais, para que dentro de um trabalho com base na antropologia, possam nos dar força para que possamos ter uma sobrevivência física e cultural.

Portanto, hoje, reunidos em assembleia de caráter nacional, somos porta-vozes dos grupos indígenas que não puderam estar presentes; nossos irmãos de sangue que se espalham pelos quatro cantos dessa imensa Nação, com esperança de verem seus problemas solucionados, principalmente o problema TERRA. Somos também porta-vozes daqueles nossos irmãos que até hoje se mantêm isolados, portanto, inocentes dos malefícios que a civilização ocidental pode acarretar a eles.

Aproveitamos a oportunidade para protestar contra qualquer ato ou intenção de manipulação, desprezo, imposição, exploração e destruição dos povos indígenas. Que sejamos respeitados como pessoas e como sociedades. Portanto, qualquer ato de imposição e proibição vai contra os nossos princípios mais elementares.

Nós, povos indígenas, dentro desse contexto não nos omitimos da nossa responsabilidade de procurarmos, num esforço único, ao lado daqueles que do fundo do coração se interessam por solucionar os nossos problemas e atingir nossos anseios como povos.

Queremos mostrar a todos aqueles que nos oprimem que somos dotados de capacidade de raciocínio e que, de fato, procuramos dentro dos meios legais, solucionar os problemas.

E, para finalizar, a nossa mensagem do Dia do Índio, que remos oferecer um pouco dos nossos valores a essa sociedade que está despida dos valores espirituais e humanos. Esses valores vocês encontrarão na nossa forma simples de vivermos a vida.

Ruínas de São Miguel
Rio Grande do Sul
19 de abril de 1977

Pelos representantes dos Povos Xavante, Bororo, Pareci, Apiaka, Guarany, Kaingang, Kayabi, Terena, Kaiowá.

Ruínas de São Miguel, RS
19 de abril de 1977
Dia do Índio

Exmo. Sr. Presidente
Ismarth Araújo de Oliveira,

Estamos nós reunidos em Assembléia de caráter nacional, com participação de Índios dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso e Estado do Rio. Como Vossa Excia. pode notar houve participação maciça da região sul. Portanto queremos, com esta, declarar a opinião da Funai os depoimentos feitos pelos representantes da região sul. Conscientes de nossa situação como povos, queremos levar ao conhecimento do órgão competente as nossas lutas e anseios. Anexo a esta, segue os principais problemas levantados. Esperamos que nossas sugestões sejam consideradas e que providências sejam tomadas neste sentido.

Com apreço de estima e consideração,

Os representantes dos povos
Kaingang, Terena, Guarany, Kavan-
te, Pareci, Bororo, Kayabi, Apiakã.

PAINEL DOS PROBLEMAS DISCUTIDOS

1. A chefia de algumas das comunidades é imposta pela Funai, o cacique sendo escolhido pelo Posto. Pedimos ao Exmo. Sr. Presidente da Funai o reconhecimento do nosso direito de eleger os nossos chefes e caciques segundo nossos costumes tradicionais, sem a interferência do Chefe de Posto.
2. Alguns Chefes de Postos se interessam em apoiar os colonos e não os Índios, como é o caso do P.I. Votouro (RS). O Índio assim está sendo desmoralizado. Também alguns chefes de postos que vemos que, de fato, querem o bem da comunidade indígena, esses são afastados. Queremos que os Chefes dos Postos nos dêem total apoio na luta para atingir os nossos anseios, e que antes de mudarem os Chefes dos Postos, as comunidades indígenas sejam consultadas.

3. Queremos denunciar a intrusão das terras por colonos nas áreas do Sul, sem que a Funai nada faça para impedir essas intrusões.
4. Não há liberdade para que possamos usar nossas terras e os recursos nela existentes. Somos proibidos de desmatar para fazermos nossas roças, mas, no entanto, aos intrusos é permitido.
5. A espoliação das riquezas do nosso solo do DGPI (projetos de soja, trigo e madeiras) sem o revertimento em benefício das comunidades indígenas. Somos obrigados a trabalhar fora de nossas áreas pois o DGPI nos tira as condições de trabalho dentro de nossa terra e a Funai não nos dá outros recursos, como tratores ou mesmo juntas de bois para desenvolver nossa agricultura.
6. Existe a proibição de encontros e reuniões. Os Índios de Xanxerê (SC) foram ameaçados e repreendidos pelo Chefe do Posto porque foram visitar seus irmãos Kaingang em Nonoai. Perseguição dos Índios que vão a reuniões, à imprensa ou à Brasília. Vem a calúnia que o Índio não trabalha e vive passeando.
7. A assistência médica é precária na totalidade das enfermarias. Violência em alguns postos é usada contra Índios. A comida dada aos doentes nem sempre é adequada, como na Casa do Índio em Campo Grande (MT).
8. Existe a instrumentalização dos Índios que participam da vida pública do País. Como é o caso do vereador Jair de Oliveira, de Aquidauana (MT), que em nenhuma das hipóteses é representante do Povo Terena, como se fala na imprensa e é acreditado pela Funai.
9. Muitas promessas são feitas, mas na maioria das vezes não são cumpridas.

Apelamos através dos meios legais que seja regularizada estas injustiças. Com profundo respeito a Vossa Excia, alertamos que tudo o que foi apresentado estão contra as leis contidas nos termos do Estatuto do Índio.

Quanto ao nosso direito de nos reunirmos para discutir nossos problemas comuns, e buscar soluções para eles, vemos que está amparado no artigo 66 do Estatuto do Índio que diz que se fará divulgar e respeitar as normas da Convenção 107 que nos dá os mesmos direitos humanos de todos os cidadãos.

Quanto à ação do DGPI, temos a declarar:

- No P.I. Xapecó, em Santa Catarina, existe uma serraria serrando média de 1.300 dúzias de madeira por mês. Poucos Índios são empregados como mão de obra neste projeto. A maioria de nossa gente trabalha na roça e quando precisa de algumas tábuas para construir suas próprias casas tem que comprar madeira na serraria. Por que temos que comprar o que é nosso? Por acaso no Estatuto do Índio não se diz que nós temos o "direito ao usufruto exclusivo das riquezas naturais e dos bens existentes nelas?" (Artigo 22). Não estamos tirando a madeira das terras alheias. As madeiras é que estão sendo tiradas de dentro de nossas áreas e não sabemos para onde vai tanto dinheiro. Até agora não houve o revertimento dessa renda em programas de assistência ao Índio como prevê o artigo 43 do Estatuto. Também não está havendo o reflorestamento da área previsto no artigo 46.
- Em Nonoai (RS), existe uma granja de soja e trigo administrada pelo DGPI já há 6 anos. Não temos visto nenhum retorno à comunidade indígena da renda retirada dessa área. Inclusive as enfermarias desse posto estão faltando remédios. Este ano, os Índios de lá se viram forçados a reter parte da colheita de soja a fim de receber da Funai os dois tratores equipados e o veículo que lhes foram prometidos para o fim deste mês de abril.
- Em Nonoai também alguns Índios são empregados neste projeto do DGPI. E temos o caso de tratoristas que pediram para usar as máquinas que estavam paradas na ocasião, a fim de lavrar suas próprias terras e foram despedidos pelo DGPI. Parece que isso está contra o Título IV (artigos 40 e 42) porque nós somos titulares do Patrimônio Indígena.

O caso do P.I. Mangueirinha, no Paraná, é outra infração do Estatuto. Os Índios Kaingang e Guarani continuam lutando para reaver mais da metade de sua área (8.976 hectares) que lhes foi tirado pelo próprio Governo do Estado há quase 20 anos atrás, e mais tarde passou para o domínio da firma Slaviero. Pelos termos do Estatuto do Índio a Funai deve assegurar essas terras para os povos indígenas e não para uma firma particular (Título III, Capítulo V).

Aproveitamos a ocasião para apresentar apenas alguns dos casos de violência que continuam sendo praticadas contra os Índios. Reconhecemos que V.S. talvez não tome conhecimento de todas as injustiças que são cometidas.

Em Votouro (RS), temos o caso de prisão, espancamento e maltratos sofridos pelo Kaingang Natalício porque ele havia ido até Brasília estudar a possibilidade de desenvolver um projeto de agricultura para sua área. Violência também foi usada ilegalmente, em 25 de Fevereiro deste ano, pela polícia indígena com aprovação do Chefe do Posto, Lincoln da Silva, quando o Natalício e D. Angelina, também da área, passaram a viver juntos.

Dona Angelina nesta ocasião foi espancada brutalmente, violentada e seus cabelos cortados dentro da prisão do Posto Indígena de Votouro.

No ano passado, em Dezembro, o Índio Quirino foi assassinado por Valdir Ferreira nas redondezas da área de Votouro e nada foi feito contra ele. Ele continua solto talvez porque ele seja metade branco.

Na aldeia de Pinhalzinho, P.I. Nonoai, temos casos de violências praticadas por colonos intrusadores da área indígena contra os Índios. No início do ano passado, o capitão Kaingang Marculino prendeu as carroças e os bois do intruso Miro Ferreira, que estava se mudando para dentro da área. Miro Ferreira, que continua na área, invadiu a casa do Marcolino Mineiros e ameaçou sua família com uma espingarda. Os intrusos são permitidos de usar armas para intimidar os Índios, mas os Índios não são permitidos nem de usar ou fabricar suas próprias armas como arco e flechas.

Para os Índios é perigoso andar de noite dentro de suas próprias áreas, devido aos ataques e emboscadas dos colonos intrusadores. Em Abril de 1976 o Índio Ernesto de Sou-

za foi baleado no rosto por um intruso, e isso mais tarde causou sua morte. No entanto, nada foi feito para se descobrir o assassino, que pode continuar solto na área.

Ruínas de São Miguel, RS
Dia do Índio
19 de abril de 1977

ANEXOS

I. CARTA ENVIADA AO PRESIDENTE DA FUNAI, COMUNICANDO A REALIZAÇÃO DA REUNIÃO NO SUL

Meruri, 7 de abril de 1977

Exmo. Sr. Gal. Smarth de Oliveira

Aproveito esta para comunicar-vos os meus anseios e os meus desejos.

Antes, porém, desejo tudo de bom em sua carreira.

Baseado em nossos direitos humanos, quero tornar-lhes ciente de que faremos uma reunião no Sul por ocasião da passagem do dia do "Índio".

Sinto-me o dever de cientificar-vos crendo não haver distúrbio e decepção para nós que, é totalmente interesse indígena.

Na verdade, o interesse é um agente importante na aproximação dos homens.

Não raro, é ele um fator iniludível na consolidação da amizade, não, como no presente caso, ao menos na união pela defesa do próprio interesse.

E essa união é a base da vitória.

Só por ela pode o homem conseguir mais facilmente a concretização dos seus anseios, das suas aspirações, dos seus direitos.

As entidades religiosas estão de braços abertos para nos ajudar mostrando a sua solidariedade.

Se a Funai quiser também nos ajudar, seria muito interessante.

A idéia de reunir-se num "todo" expressivo, as unidades indígenas esparsas do nosso conceito vem de uma estação longa no desejo de muitos, até o nascimento total de uma data de maior liberdade.

Carecemos, de há muito reunir as nossas forças para empreender a luta na defesa de direitos e reivindicações que compreendemos justas para a nossa classe, jamais surtir os efeitos desejados.

E hoje, quando vemos realizada essa idéia, de vencida a disposição de alguns, e nos agrupamos por um objetivo superior, cumpre-nos que saibamos cingir os nossos desejos ao interesse geral, sacrificando aspirações menos justas ao bem comum, numa harmonia de princípios que nos fortaleça, que nos dê a energia necessária, para conquistar novos benefícios para toda a população indígena.

Lourenço Rondon

2. CARTA-CONVITE AOS CHEFES INDÍGENAS

Goiânia, 6 de março de 1977

Estimado amigo Chefe da Comunidade

Venho por meio desta solicitar a vossa presença no Encontro de São Miguel, estado do Rio Grande do Sul, no dia 19 de abril, dia alusivo ao índio.

A finalidade deste Encontro é para discutirmos mais seriamente a nossa situação de índios do Brasil e nossa posição ante essa situação que será exterminada com uma declaração e nossa Mensagem de Índio para o Povo Brasileiro no Dia do Índio.

Se tiveres em sua posse algum documento que se refere ao índio, poderá trazê-lo, que poderá servir; nem que seja uma declaração feita por vós ou alguém de sua comunidade.

Estamos no nosso pleno direito de fazermos estes Encontros. As autoridades da Funai poderão querer impedi-lo de participar desse Encontro. Mas temos que ser mais enérgicos e transpor essa barreira, porque quem quer bem ao índio é o índio. Estamos avisando a Presidência da Funai sobre a realização do nosso Encontro. Somente nós sabemos o que sentimos e quais os nossos anseios. Portanto, por maiores que sejam as dificuldades, fazemos empenho em participar do Encontro, que poderá ser de grande proveito para nosso conhecimento mútuo e para nossas relações.

A respeito do dinheiro para a viagem, se você precisar, o gasto poderá ser reembolsado. Mas é bom que vocês façam empenho de também auxiliar com uma ajuda de vocês, pois o Encontro é de interesse indígena; portanto, achamos que, se pudermos arcar com um pouco dos gastos, seria bom.

Vocês estudem um local de encontro para que vocês de sua região possam encontrar para seguirem juntos para Ijuí, no Rio Grande do Sul. Devemos nos encontrar, no dia 16 de abril, em Ijuí, para fazermos debates nos dois dias antes do Dia do Índio. Chegando em Ijuí, procure a FIDENE (a Universidade).

Queremos tomar, o mais breve possível, o conhecimento de sua possível participação e quantos vão participar. E a carta da resposta deverá ser enviada para este endereço:

Daniel Matenho Cabixi
Caixa Postal 884
78.000 - CUIABÁ - MT

Tribae Ewororo.

Daniel Matenho
Cabixi.

EM IJUI - RS,
26 CHEFES E REPRESENTANTES INDÍGENAS
REUNIDOS: DEPOIMENTOS, DISCUSSÃO E
BUSCA DE SOLUÇÕES

